

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXI

**Homenagem ao Doutor
Salvador Dias Arnaut
Volume I**



COIMBRA 1996
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

SALAZARISMO, EUROPA E AMÉRICA*

Luís REIS TORGAL
(Universidade de Coimbra)

1. Um dos problemas que tem sido discutido, por vezes de uma forma demasiado teórica, é a questão de saber se o “Salazarismo” (termo de sentido essencialmente político-cultural, ideológico e mental) ou o “Estado Novo” (conceito que tem uma configuração mais de tipo político-institucional) podem e devem ser definidos como uma forma de “Fascismo”¹.

* Deve salientar-se aqui que este texto não é de todo original. Ele vem na sequência de outros estudos por nós realizados e que podem ser consultados, para melhor se entender as ideias nele expostas: “Salazarismo, Fascismo e Europa”, in *Vértice*, Janeiro-Fevereiro de 1993 (republicado in *O Estudo da História. Boletim da Associação de Professores de História*, n.º. 12-13-14-15, II série, Lisboa, A.P.H., 1990-1993), e “Salazarismo, Alemanha e Europa. Discursos políticos e culturais”, in *Revista de História das Ideias*, n.º. 16, “Do Estado Novo ao 25 de Abril”, Coimbra, 1994 (republicado in *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa/Portugal e a Alemanha a caminho da Europa*, obra coordenada por Marília Lopes dos Santos, Ulrich Knefelkamp e Peter Hanenberg, Centaurus-Verlagsgesellschaft, Pfaffenweiler, 1995). Nesta medida, muitas ideias aqui expostas e mesmo certos passos já se encontram nos artigos anteriormente publicados. Por outro lado, deve também dizer-se que este artigo constituiu um texto breve de uma comunicação apresentada no “Symposium on Portuguese Traditions”, organizado pelo *Department of Spanish and Portuguese* da *University of California-Los Angeles*, realizado em Abril de 1994. Ele será oportunamente ali publicado, na revista *Crossroads*.

¹ Sobre o tema cfr. a obra de António Costa Pinto, *O Salazarismo e o Fascismo europeu. Problemas de interpretação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Estampa, 1992.

Na verdade, uma das razões por que se pretende dar ao Salazarismo e ao Estado Novo uma dimensão própria, não confundível com o “Fascismo” ou alguma forma de Fascismo, é o facto de se constatar que a sua matriz cultural resulta essencialmente de uma concepção ético-política de “democracia cristã”, e não de uma matriz “socialista”, “sindicalista”, de “prática” e de “pragmatismo político”. Este facto foi constatado por várias tendências logo que o Salazarismo e o Estado Novo começaram a emergir e foi assumido pelo próprio Salazar.

Por sua vez, os intelectuais e os historiadores hesitam na caracterização do Salazarismo. Se, em 1935, o grande pensador espanhol Miguel Unamuno, depois de ter visitado Portugal, lhe chamava — numa terminologia feliz — “fascismo de cátedra”², em tempo próximo, quando se iniciou o estudo do Salazarismo e do Estado Novo em perspectivas historiográficas, politológicas e sociológicas, sentiu-se quase sempre a necessidade de o definir de maneira própria. Manuel de Lucena utilizou a expressão, que quase se tomou clássica, de “fascismo sem movimento fascista”³, ao passo que Manuel Braga da Cruz, indo mais longe, recusou o termo, designando o Salazarismo apenas como “autoritarismo conservador e integracionista”⁴.

2. É um facto que Salazar, desde o início do seu governo, afirmava afastar-se, no plano teórico, de práticas de Estado de

² *Ahora*, Madrid, 3.7.1935.

³ *A evolução do sistema corporativo português*, vol. I, “O Salazarismo”, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1976, pp. 25 ss.

⁴ *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Presença, 1988, sobretudo pp. 251 ss.